Revista Pax Domini é licenciada sob
uma Licença Creative Commons.

ESCRITAS BATISTAS: JOSÉ PEREIRA DOS REIS E PRODUÇÃO DE UMA MEMÓRIA INSTITUCIONAL PARA A IGREJA

Luís Otávio Reis de Souza*
Diego Omar da Silveira**

Resumo

A escrita da história das Igrejas Cristãs foi, durante muito tempo, uma escrita de si, nascida das mãos de religiosos investidos da tarefa de produzir uma versão dos fatos inundada pela noção de providência e, logo, favorável aos agentes oficiais de cada denominação. As recentes investigações nesse campo se dedicaram majoritariamente, no entanto, a problematizar a historiografia católica, sem muita atenção aos meios evangélicos. Explorando essa lacuna, o presente trabalho discute duas obras de José dos Reis Pereira, buscando compreender os mecanismos utilizados por esse pastor/ autor para construir uma memória institucional da Igreja Batista no Brasil.

Palavras-chave: Igreja Batista, José dos Reis Pereira, História da Igreja.

Abstract:

He written of the Christian Church histories was for a long time, a written of itself, born from religious hands in charge of producing a version of the facts inundated of the notion of providence and, then favorable to official agents of each denomination. Recent researches mostly in this field however, have dedicated, to emphasize the catholic historiography with not much attention to the evangelical means. Exploring this gap, the present study discusses two works of José dos Reis Pereira, seeking to comprehend the mechanisms used by this minister\author to construct an institutional memory for the Baptist Church in Brazil.

Keywords: Baptist Church, José dos Reis Pereira, Church History.

* Graduado em História no Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Pós-graduando em Pesquisa e Ensino em História na Uninorte Laureate. E-mail: luis.otrs@ gmail.com.

** Graduado e Mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professor do curso de História do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: diegomarhistoria@yahoo.com.br.

Introdução

Este trabalho nasceu de um conjunto de inquietações acerca da diversificação do campo religioso no médio-baixo Amazonas, em especial sobre a entrada dos evangélicos na região e sua posterior consolidação ao longo da segunda metade do século XX. Faz parte, assim, de um conjunto de monografias que têm aprofundado o debate sobre as religiões e religiosidades em Parintins,[1] tentando oferecer respostas – ainda que parciais – à ausência quase total de narrativas sobre a trajetória das igrejas evangélicas no local.

Abordamos aqui, a Igreja Batista, numa confissão que tem ocupado um lugar central nesse processo de diversificação, quer por se tratar de uma das primeiras igrejas à ingressar na região Norte do país, fazendo frente à hegemonia do catolicismo[2], quer pela força de seus projetos de missão na Amazônia, ou pela solidez de seu trabalho social, entre as populações urbanas e ribeirinhas.

No percurso de pesquisa, que pretendia, inicialmente, produzir uma análise sobre a Primeira Igreja Batista de Parintins – tornou-se inviável por falta de fontes organizadas àquela altura – descobrimos a figura um tanto singular de José Reis Pereira, um pastor, professor e escritor empenhado na produção de uma memória institucional para a Igreja Batista e cuja obra permanece pouco explorada em ambientes acadêmicos. De modo especial, dois dos seus livros chamaram nossa atenção: *Uma História dos Batistas*

[1] Boa parte desses trabalhos foram desenvolvidos por estudantes do curso de História do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e estão ligados ao projeto "A religião na(s) fronteira(s) – espaço público e reconfigurações do campo religioso no médio-baixo Amazonas", sob responsabilidade dos professores/ pesquisadores Diego Omar da Silveira e Clarice Bianchezzi.

[2] MAUÉS, Raymundo Heraldo. "Cristianismos Amazônicos e liberdade religiosa: uma abordagem histórico-antropológica". In: Antropolítica. **Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política**. Niterói: UFF, n. 9, 2º semestre de 2000. pp. 77-100.
PANTOJA, Vanda. "Pentecostais e católicos na Amazônia Marajoara – notas de campo". In: **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, n. 30, julho-dezembro de 2011. pp. 115-124.

(1979) e *O apóstolo da Amazônia*: *a vida de Eurico Alfredo Nelson* (1945). E são essas duas obras que buscaremos aqui analisar em traços gerais.

Como pretendemos demonstrar, José Reis Pereira, foi um escritor prolífico – produziu muito e em vários sentidos. Ficou conhecido como redator, por vários anos, d'*O Jornal Batista*, publicou vários livros, proferiu muitas palestras no Brasil e no estrangeiro e trabalhou como professor no Seminário Teológico Batista do Sul. Sua obra, como um todo, projeta-se no sentido de consolidar uma identidade para a sua Igreja no campo religioso brasileiro, em meio a um clima de maior liberdade religiosa[3] (Pierucci, 2012), provenientes da separação entre Igreja Católica e Estado, de fins do século XIX, e das sucessivas crises entre as elites eclesiásticas e os governos que sucedem na República[4].

Logo, seus textos também se inserem nas ações de proselitismos dos protestantes, no enfrentamento aos privilégios católicos e na divulgação da doutrina Batista. Nesse período, como propõe João Leonel[5], os evangélicos somavam à estratégia oral "dos sermões pregados e do relacionamento informal com os novos crentes" ao menos duas outras atividades impressas, que "consistiam na disseminação de bíblias entre os novos adeptos" e na "utilização de uma literatura religiosa: sermões transcritos em jornais e livros, bem como textos ficcionais".

Nos dois casos aqui estudados, destaca-se o desejo do autor de produzir seus livros em gêneros bastante conhecidos do público leitor: as histórias eclesiásticas ou histórias da Igreja – muito praticadas nos ambientes católicos e que começaram na primeira metade do século XX a serem produzidas por evangélicos – e as biografias de religiosos com um tom hagiográfico, ou seja, de louvação da ação missionária de um determinado sujeito, o que o aproximava do sagrado pelo viés de uma santificação[6].

---

[3] (Pierucci, 2012)

[4] MENDONÇA, Antônio Gouvêa. "República e pluralidade religiosa no Brasil". In: **Revista USP.** São Paulo: USP, n. 59, setembro/novembro de 2003. pp. 144-163.

[5] LEONEL, João. **História da leitura e protestantismo brasileiro.** São Paulo: Paulinas: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2010.

[6] BUARQUE, Virgínia Albuquerque de Castro. "Autobiografias eclesiásticas: para além da representação de si". In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá: GTRR-ANPUH: UEM, Ano III, n. 9, janeiro 2011. pp. 03.

Assim, não parece sem propósito, que em ambos os livros acima indicados o autor narre a epopeia de homens e mulheres que saem da América do Norte para pregar no Brasil e que indique a vida de Eurico Alfredo Nelson – jovem protestante que nasceu em uma família que seguia os ritos luteranos até conhecer a doutrina Batista e atuar como missionário no Norte do Brasil, como modelo capaz "de motivar a mocidade [a] unir-se à junta de missões".

O texto está separado em quatro blocos, acrescidos, ao final de breves conclusões. Em primeiro lugar, propomos uma leitura acerca dos Batistas no meio evangélico brasileiro, depois apresentamos os traços biográficos do autor analisado – José dos Reis Pereira. Em seguida, descrevemos e tentamos analisar o que ele narra em cada um dos seus livros.

1 Os Batistas no Brasil no campo evangélico brasileiro

A Igreja Batista é uma das herdeiras da reforma protestante, emigrada para os Estados Unidos com as sucessivas levas de ingleses que deixavam o velho continente em função das "perseguições político-religiosas"[7] ou em busca de oportunidade no Novo Mundo. Ao longo do século XIX, os batistas renovaram nos Estados Unidos as suas bases doutrinais e teológicas, por meio de um movimento conhecido como "reavivamento". De lá veio a maioria dos missionários que atuaram no Brasil ao longo do século XX, quando a Igreja foi se estabelecendo como uma das mais vigorosas no campo evangélico.

De acordo com os dados do Censo Demográfico de 2010, trata-se, atualmente, da terceira maior denominação evangélica do país, nominalmente atrás apenas da Assembleia de Deus. Em segundo lugar, como se pode observar na tabela abaixo, estariam o conjunto de pequenas igrejas (que continua a aumentar, mas sem uma identidade consolidada) que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) enquadra como "Outra denominação evangélica". No Amazonas, permanece o mesmo cenário nacional e, em Parintins, a Igreja Batista se destaca como segunda maior força evangélica, com leve vantagem numérica sobre o conjunto de pequenas denominações.

[7] MENDONÇA, Antônio Gouvêa ***O celeste provir*: a inserção do protestantismo no Brasil.** 3º ed. São Paulo: USP, 2008.

Esse quadro parece ter a ver com sua trajetória histórica dos batistas na cidade, onde ocupam certo pioneirismo, institucionalizando-se rapidamente nos anos 1950, por meio do Colégio Batista, de missões em áreas indígenas e de obras sociais.

Quadro comparativo – Maiores denominações evangélicas no Brasil, Amazonas e Parintins (número total de fieis e percentual da população local em 2010).

BRASIL	AMAZONAS	PARINTINS
Assembleia de Deus 12.314.410 fieis | 6,5%	Assembleia de Deus 407.723 de fieis | 11,7%	Assembleia de Deus 5.933 de fieis | 5,8%
Outra (não determinada) 9.218.129 de fieis | 4,8%	Outra (não determinada) 165.794 de fieis 4,8%	Igreja Batista 2.817 de fieis | 2,8%
Igreja Batista 3.723.853 de fieis | 2,0%	Igreja Batista 109.379 de fieis | 3,1%	Outra (não determinada) 2.152 de fieis | 2,2%
Congregação Cristã 2.289.634 de fieis | 1,2%	Igreja Adventista 94.953 de fieis | 2,7%	Igreja Adventista 2.114 de fieis | 2,1%
Universal do R. de Deus 1.873.243 de fieis | 1,0%	Universal do R. de Deus 47.736 fieis | 1,4%	Universal do R. de Deus 595 de fieis | 0,6%

Baseado em dados dos Censos Demográficos (IBGE/ Banco de dados SIDRA). Desconsideramos para a construção da tabela o item “outras igrejas evangélicas de origem pentecostal”. Os percentuais foram determinados por aproximação. Fonte: Silva Filho; Silveira, 2015.

De modo geral, as igrejas protestantes se estabeleceram no Brasil na segunda metade do século XIX, devido a inúmeros fatores. Desde a independência, mas, sobretudo a partir do segundo Império o país passou a ser visto como um campo promissor para imigrantes europeus, encarregados a um só tempo de modernizar e branquear a nação. Estes trouxeram consigo suas religiões, desembarcando aqui os chamados presbiterianos, congregacionais, metodistas e batistas[8]. Fábio Py Murta Almeida[9] oferece uma perspectiva crítica ao que Antônio Gouvêa Mendonça[10] chamou de “protestantismo de missão”, destacando que as motivações iniciais da vinda desses grupos nem sempre foram religiosas, estando antes atreladas às novas condições

[8] MENDONÇA,Antonio Gouvêa “O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas”. In: **Revista USP**. São Paulo: USP, n. 67, setembro-novembro de 2005. pp. 48-67.
[9] ALMEIDA, Fábio Py Murta de. *Lauro Bretone*: **Um protestante heterodoxo no Brasil de 1948 a 1956**. Tese (doutorado em Teologia). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2016.
[10] ANTÔNIO GOUVÊA MENDONÇA 2008.

políticas e econômicas advindas da orientação liberal do estado, que buscava adequar-se aos novos ares da modernidade capitalista.

Apenas nas últimas décadas dos oitocentos, "tem-se um desenho mais articulado do fenômeno protestante apologético, o qual registra no Brasil pretensões ligadas à propagação da fé a todos os sujeitos, mesmo os antes escravizados"[11]. Tratava-se, a partir de então, de "avançar na influência de sua fé para o maior número de pessoas", num contexto que alguns estudiosos chamam de "mercado aberto de missões" [12], o que significaria que a exclusividade católica estava posta em xeque e que as igrejas advindas da Europa e da América do Norte iriam competir entre si para conseguir fiéis.

Com a proclamação da República e a separação oficial entre Igreja do Estado as condições se tornam progressivamente mais favoráveis. Como assinala Mendonça[13] o decreto 119-A, de 1890, também:

> Abole o padroado com "todas as suas *instituições, recursos e prerrogativas,* proíbe ao Estado legislar sobre religião, concede a todas as confissões religiosas o direito ao exercício de seu culto, sem obstáculos aos seus atos particulares ou públicos, assegurando a liberdade religiosa, não só aos indivíduos, isoladamente considerados, mas ainda às igrejas que os unem numa mesma comunhão, estabelecendo a personalidade jurídica para todas as igrejas e comunhões religiosas e mantendo a cada uma o domínio de seus bens" (Maria, 1981, p. 103). Era, por fim, o programa do protestantismo que ansiava pela República.[14].

Após um primeiro momento, de estabelecimento, em que a população se concentrou mais em determinadas regiões, o movimento batista desenvolveu-se sem sobressaltos. Almeida[15] menciona o caráter pioneiro da pequena estada de Thomas Jefferson Bowen e sua esposa no Brasil, em 1960 e 1861. Oficialmente, eles foram "os primeiros batistas no Brasil – após anos de atividades na África, na região hoje conhecida

[11] ALMEIDA, 2016, P. 54.
[12] CAVALCANTI, H. B. "O projeto missionário protestante no Brasil no Brasil do século XIX: comparando a experiência Presbiteriana e Batista. In: ***REVER* – Revista de Estudos da Religião**. São Paulo: PUC-SP, n 4. 2001. pp. 61-93.
[13] MENDONÇA 2003, P. 150.
[14] O texto do padre Júlio Maria a que o autor se refere é um balanço da Igreja no Brasil produzido pelo missionário para o livro do centenário e posteriormente publicado com o título *A Igreja e a República*. Na citação a referência é à edição da Editora Universidade de Brasília (Brasília, 1981).
[15] ALMEIDA 2016, P. 50.

como Nigéria". Mas o breve retorno aos Estado Unidos não deixou resultados muito palpáveis.

Mais durável foi a frente aberta por alguns imigrantes sulistas norte-americanos entre 1856 e 1861 no interior de São Paulo. Esses batistas, de acordo com Elisa Rodrigues[16], organizam duas igrejas: uma na chamada *Stantion*, em Americana, e outra em Santa Barbara do Oeste. Essas representariam uma espécie de marco inicial, pois foi a partir daí que se requereu à sua convenção o envio de missionários, dando início à ação missionaria oficial da Igreja Batista no território brasileiro. "Em 1866, existiam no Brasil quatro igrejas Batistas, restritas aos colonos estrangeiros"[17] e todas no Sudeste. A Primeira Igreja Batista na cidade de Salvador (Bahia) surgiu apenas em 1882. À sua frente estavam os missionários Willian Buck Bagby e Ann Luther Bagby, juntamente a Zacharias Clay Taylor e Kate Stevens Crawford Taylor, que por sua vez receberam auxílio do ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque. Adotando a Confissão de Fé *The New Hampshine*, outras igrejas foram implantadas em Maceió e Recife com número razoável de adeptos, embora fossem em sua maioria colonos.

Pelo que se pode deduzir dos relatos de época, a família Bagby teve grande importância na estruturação das obras batistas no Brasil, contribuindo desde a sua chegada à fundação de igrejas, à pregação itinerante e o trabalho pastoral "[18]. Mas também, a figura do ex-reverendo católico Antônio Teixeira de Albuquerque merece destaque na história da Igreja, tanto que José Pereira dos Reis ressalta em sua obra (1979, p. 90) que "este, que fora vigário em Maceió, convenceu-se do engano de sua posição, abandonou a batina, casou-se, mudou para São Paulo", auxiliando e tornando-se um colaborador em amplitude da boa ação Batista. Foi batizado pelo pastor Robert Tomaz, um colono que atuava nas regiões próximas de Santa Barbara.

> Quando William Bagby faleceu em 1939, a Convenção Batista Brasileira possuía 600 igrejas com cerca de 50 mil adeptos, com mais 5 colégios, dois seminários teológicos, duas escolas de treinamentos para mulheres, escolas primarias e

[16] ELISA RODRIGUES, 2013, P. 157.
[17] SILVA, Ademar Alves. "Os Batistas no contexto do protestantismo brasileiro". In: **História em reflexão. Revista Eletrônica de História**. Dourados: UFGD, vol. 5, n. 9, janeiro-junho de 2011. pp. 1-22.
[18] SILVA, 2011, P. 15.

> industriais, a Casa Publicadora, O *Jornal Batista* e uma sede para as juntas missionárias[19].

Outro casal missionário que desembarcou em Santa Barbara, Zachary e Kate Taylor, logo se uniu aos pioneiros, somando forças ao trabalho de evangelização. Mais tarde chegava Salomão L. Ginsburg, que veio enviado de Portugal para trabalhar juntamente com os Congregacionais. Em Pernambuco ele conheceu o missionário "Zacarias Taylor". Nas palavras de José dos Reis Pereira[20], "Salomão impressionou-se com os argumentos de Taylor, leu cuidadosamente seu Novo Testamento e acabou pedindo batismo ao missionário".

Vale observar que, nesse novo contexto, ocorriam mudanças importantes no perfil dos grupos e igrejas protestantes. Conforme Mendonça[21], a prioridade para alguns passa a ser a conversão das "pessoas e promover o crescimento das igrejas; para outros, era necessário 'educar para civilizar', causa que era óbvia na mentalidade missionária norte-americana". Tratava-se, agora de um "protestantismo entusiasta e em desenvolvimento, [embora] já com crises internas".

De acordo com Silva[22] três pontos passam a ser importantes nas lutas dos protestantes por um espaço religioso na sociedade: em primeiro lugar, cresce o proselitismo – que envolvia a pregação de sermões, ereção de templos e a afirmação de cultos públicos. O segundo, está ligado à venda e/ou distribuição de Bíblias e se deve ao valor que os reformados dão à leitura do texto sagrado e à tentativa de penetrarem nas classes sociais mais abastadas, que dominavam a leitura e a escrita. O terceiro, que estava imbricado nos demais, é o investimento no setor educacional, com a fundação de escolas, o que implicava ao mesmo tempo alfabetizar os cidadãos para que pudessem para ler a Bíblia e reforçar os traços insípidos de modernidade, concretizando dessa maneira um dos pilares da ação missionária.

Segundo Ademar Alves da Silva, na esteira desses projetos os batistas cresceram significativamente na primeira metade do século XX. Os estados com números mais

---

[19] SILVA, 2011, P. 15 *APUD* SANTOS, 2005, P. 11.
[20] PEREIRA, José dos Reis. **O Apóstolo da Amazônia**: Eurico Alfredo Nelson. Rio de Janeiro: s/ed., 1945.

[21] MENDONÇA, 2005, P. 55.
[22] SILVA, 2011, P. 08.

expressivos de adeptos são: Rio de Janeiro, São Paulo, Espirito Santo, Pernambuco e Bahia. Em sua maioria em regiões litorâneas e grandes cidades, onde se concentra a urbanização. Os trabalhos no interior, embora tímidos, começam a se espalhar nesse período e, fruto dessa complexidade – de números e pessoas – surge em 1907, a Convenção Batista Brasileira (CBB).

Na mesma esteira surgem os Seminários de Belém, Recife e Rio de Janeiro, os Colégios Batistas em cidades importantes e a Casa Publicadora do Rio. Vários projetos de expansão vão se delineando, desde então, para ampliar a ressonância dos batistas no Brasil. Um exemplo é o lançamento, em 1973, do PROIME (Programa Integrado de Missões e Evangelização): "um projeto a ser executado em dez anos, de maneira em que 1982 (...) haja um milhão de batistas no Brasil distribuídos em mais de seis mil igrejas"[23]. Não temos disponíveis os dados para o Censo de 1991, mas no ano 2000 os Batistas já passavam de 3 milhões e em 2010 atingiram o patamar de 3.723.853, correspondendo, como indicado anteriormente a quase 2% da população brasileira.

2 José dos Reis Pereira, pastor e escritor[24]

Bastante conhecido dentro das igrejas batistas no Brasil como um pioneiro na divulgação da história, dos ensinamentos e da doutrina Batista, o pastor José dos Reis Pereira nasceu em 1916 em uma fazenda de Piraí, Rio de Janeiro. De acordo com sua biografia, dedicou-se, em sua juventude, aos estudos da Bíblia, de modo que em 1924, aos oito anos de idade, tornou-se o presidente no salão social da Igreja Metodista Central de São Paulo. Dentre as mais diversas experiências, conheceu o pastor T. C. Bagby, missionário que atuava nas regiões paulistas, mais especificamente na Igreja Batista de Villa Maria, a única naquela época.

Depois de um determinado período frequentando a Igreja Batista, decidiu que era o momento de ser batizado, unindo-se assim à mocidade Batista. Em 1932 seu primeiro artigo foi publicado no *Jornal Batista Paulistano*, o que lhe rendeu o interesse de dedicar-se aos estudos. Na sequência ingressou no Seminário Teológico do Sul do Brasil. Com

[23] PEREIRA, José dos Reis. ***O* Apóstolo *da* Amazônia: Eurico Alfredo Nelson**. Rio de Janeiro: s/ed., 1945.
[24] Os dados que embasaram esta biografia estão em uma Cronologia da vida de José dos Reis Pereira, publicada n'*O* Jornal Batista, de 29 de dezembro de 1991.

as mudanças, viu ampliar-se sua paixão pela escrita. Durante o período no seminário surgiu a oportunidade de ser redator do *Jornal Crisol*, pertencente à Assembleia Batista Carioca (1937). Diretamente envolvido com os meios de comunicação, ele organiza a Cooperativa dos Seminaristas, por ele mesmo dirigida, promovendo uma melhor interface entre os grupos batistas da época. Em 1938 publica novo artigo no *Jornal Batista* (1938), dessa vez sobre os ensinamentos batistas.

Sentindo que necessitava aprimorar os conhecimentos para melhor desenvolver sua escrita, em 1941, um ano depois de concluir o Seminário, se inscreveu para o bacharelado em Letras Neolatinas na Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro. Tal comprometimento rendeu a sua consagração ao ministério no dia 29 de dezembro do mesmo ano. Logo depois, assumiu o pastorado da Igreja Batista do Rocha, entre outros compromissos e cargos, como tesoureiro do Seminário entre os anos de 1942 e 1946. Em 1943, casou-se com Darcília Moreira, em uma união que rendeu ao casal dois filhos: Clovis, de 1944, e Helena, que nasceu um ano mais tarde. Das uniões dos filhos vieram os seus sete netos.

Sua atividade docente iniciou-se em 1944 no Seminário do Sul, onde atuou por 37 anos, ensinando História Eclesiástica e outras disciplinas, com grande influência no meio batista. Conseguiu conquistar a presidência da Ordem de Pastores Batistas Cariocas e, no ano seguinte, foi eleito pela primeira vez para a diretoria da CBB, entidade em que permaneceu por anos ocupando cargos diferentes da diretoria. Atuou na organização da Primeira Igreja Batista de Vieira Fazenda, umas das primeiras igrejas organizadas em uma favela da cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1946. Também foi membro da Comissão Revisora da Tradução da Bíblia (Novo Testamento) junto da Imprensa Bíblica Brasileira.

Em sua cronologia consta que seu primeiro livro é de 1947 – *O Apostolo da Amazônia*. No entanto é possível que o jornal tenha se enganado. O livro que abordava a história da vida de Eurico Alfredo Nelson e suas missões no Norte do país é de 1945, fez bastante sucesso e despertou admiradores para “essa história de fé”. Em 1948, assume o cargo de presidente da Junta de Missões Estrangeiras, simultaneamente com a presidência da Convenção Batista do Distrito Federal, hoje Convenção Carioca. Teve,

nesses anos, a oportunidade de ser um dos redatores do regimento interno da Convenção Batista Brasileira.

No início da década de 1950 sua participação nos congressos se intensifica, dadas as suas atividades como pastor, professor e administrador. Promoveu, em 1953, a I Campanha Simultânea de Evangelização dos Batistas Cariocas, o que levou a desengavetar uma obra antiga, publicada sob o título *Sal da Terra* (contos) pela Empresa Batista Editora. Viaja para Portugal, representando a Junta de Missões Estrangeiras. Nessa ocasião, junto dele estava o missionário Hélcio da Silva Lessa. Em 1957 começa a promover na Reunião dos Executivos Estaduais em Belo Horizonte, com a ideia do plano cooperativo. Em 1958 publica novo livro: *Mobilização dos Válidos* e traduz o livro *Certo ou Errado?* No mesmo ano é licenciado em Letras na Universidade do Rio de Janeiro.

O início da década de 1960 foi significativo para José dos Reis Pereira, pois a realização do X Congresso de Aliança Batista no Rio de Janeiro abriu possibilidades para inaugurar novas igrejas. A Igreja Batista de Vila Rosali, em São João do Miriti foi reorganizada e surge a Primeira Igreja Batista de Copacabana, que para ele representava uma demonstração de fé e coragem. Foi ele, de certo modo, um desbravador da barra da Tijuca e do Recreio dos Bandeirantes, que na época eram quase inabitados. Sua experiência como redator o habilitou a apresentar pela primeira vez na TV Continental, canal 9, o programa *Batista em Marcha*, assumindo também a direção d'*O Jornal Batista*, atuações que conjugava com o cargo de professor de História Eclesiástica no Instituto Batista de Educação Religiosa (IBER) e com as atividades da Comissão Revisora do Canto Cristão.

As participações em grandes articulações se seguiam, como na I Campanha Nacional de Evangelização, em função da qual recebeu o título de cidadão da Guanabara. A publicação do livro *Ele tinha o Mundo no Coração* encerra a década de realizações juntamente com sua participação na Conferência Latino-Americana de Evangelização, em Bogotá (Colômbia). Depois disso participa do XII Congresso de Aliança Batista Mundial, em Tóquio (Japão), um evento que o levou a organizar a Igreja Batista de todos os Santos, no Rio de Janeiro.

Em 1972 dedica-se à obra *Uma Breve História dos Batistas* que será aqui melhor detalhada e na qual discute aspectos da história e da doutrina da Igreja. Em 1978 traduz o livro *O Espirito Santo na Experiência Cristã* e, nesse mesmo ano, volta a dar aulas no Seminário, agora no curso de mestrado. Três anos mais tarde, em 1981 surgiu a oportunidade de ser o orador oficial da 63ª Assembleia da CBB, em Belém do Pará. Colabora na organização da Igreja Batista do Riachuelo, no Rio de Janeiro e, em 1982, publica o livro *História dos Batistas o Brasil*. É indicado para a Junta Executiva da Convenção Batista Brasileira, foi eleito seu presidente. Com tantas atividades e pouco fôlego para realizá-las em função da idade, ele deixa a direção d'*O Jornal Batista* em 1988, dedicando-se a atividades menos desgastantes. Em 1991 publica a coletânea *Mensagens – Contos e Crônicas* e recebe o título de mestre em Teologia do Seminário Teológico do Sul do Brasil, um reconhecimento pelos anos de docência e estudos. No mesmo ano publica o seu último artigo na revista *O Campo é o mundo* e n'*O Jornal Batista*.

3 Uma história dos Batistas

Trata-se de um livro de História Eclesiástica, lançado pela Casa Publicadora Batista em 1972. Consultamos, para a nossa análise, a 2º edição, de 1979. Na obra, são apresentadas as teorias sobre a origem dos batistas: a primeira que os situa como herdeiros de João Batista, que efetuava seus batismos no rio Jordão; a segunda e a terceira defendidas por inúmeros historiadores localizam suas origens na Inglaterra no período pós-Reforma. Uma atribui à igreja uma herança dos anabatistas do século XVI e, segundo o autor, está consagrada por David Benedict em *A História Geral da Denominação Batista na América e em outras Partes do Mundo* (1848). Outro importante historiador batista Albert Henry adotava essa mesma teoria em sua obra *História do Antipedobatismo*. A terceira teoria está relacionada com os separatistas ingleses advindos dos congregacionais na eclesiologia, utilizando o batismo dos regenerados. José Reis Pereira justifica sua aposta nesse ponto de vista, baseado na declaração de

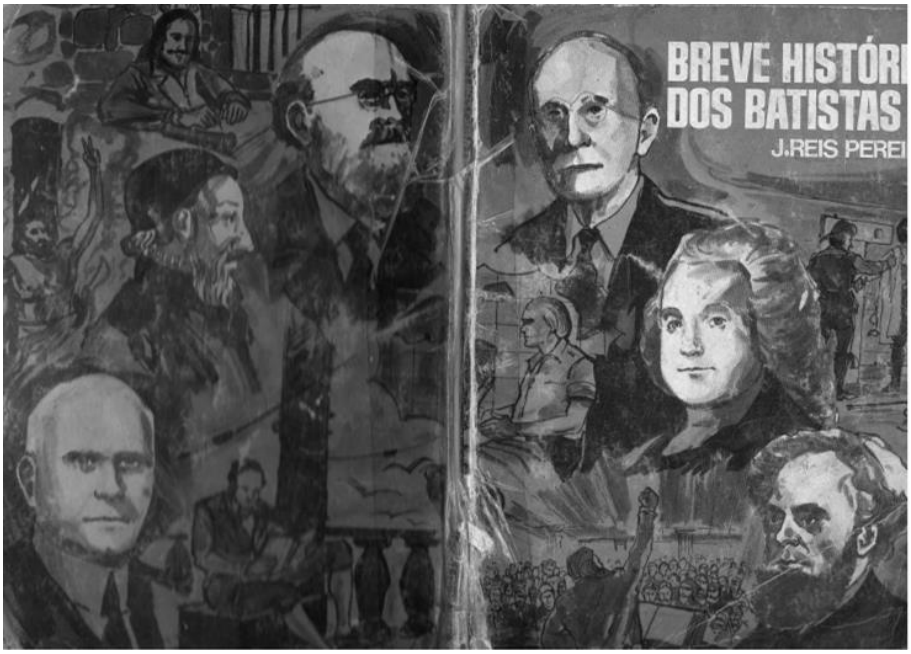
Vedder, que em seu livro *Breve História dos Batistas* traça uma sucessão ininterrupta de igrejas.

Os Batistas afirmam ter origem no movimento de Jesus Cristo por isso aderem ao Novo Testamento. O autor defende a tese que ao longo dos séculos os discípulos de Jesus Cristo passaram a ser conhecidos como Batistas, aderindo às mesmas práticas e doutrinas das igrejas cristãs do primeiro século, podendo resistir essa comparação a um cotejo de diferentes práticas e doutrinas. José dos Reis Pereira liga essa sua afirmação à presença que a Bíblia tem ainda hoje na composição da doutrina.

> Nas igrejas batistas de hoje há uma organização denominada Escola Bíblica Dominical, destinada ao estudo da Bíblia por diversos grupos – crianças, jovens, adultos – aos domingos. Não havia tal organização nas igrejas primitiva[25].

Em termos de doutrina, o autor debate sobre as seguintes propostas: a primeira consagra a Igreja como doutrina de Deus, não havendo nenhum mediador entre Deus e os homens; a segunda é das Escrituras, que vêm há alguns séculos favorecendo a crença nas Escrituras Sagradas como Revelação divina, sendo ela representada como autoridade final; a terceira é a doutrina de Jesus Cristo como o salvador, que se distancia da católica na medida em que não admite uma corredentora, como no caso de Maria, finalizando com a Salvação efetuada pela fé e não baseada em obras.

[25] PEREIRA, 1979, P. 07.



Capa do livro *Breve História dos Batistas*, edição de 1979.

No segundo capítulo, o autor estabelece uma relação entre as diferenças dos dogmas das Igrejas cristãs e suas mudanças, associando o romanismo atual como brutal transformação do cristianismo primitivo por decisões de concílios e por medidas adotadas pelos papas de Roma, chamados (equivocadamente, na perspectiva do autor) de "Pais da Igreja". Esses elementos não são revestidos de autoridade para os Batistas.

> Para nós essa autoridade está exclusivamente no Novo Testamento. E nem precisamos de outra autoridade, porque o Novo Testamento contém tudo quanto nos é necessário para a salvação, a instrução e norma de vida, bem como para o governo e a atuação das igrejas[26].

A ordem patrística sempre deu importância à Bíblia como decisão final, argumenta o autor, "nunca jactando em modificar a essência da palavra imposta", o que se relaciona ao processo de formação do cânone do Novo Testamento. Quando a autoridade maior da Igreja não foi ouvida a respeito das mudanças, ela se desvirtuou. Para exemplificar, Pereira menciona os sacramentos realizados por meio dos ritos que não aparecem nas escrituras. Por isso, os Batistas não aceitam o "sacramentalismo" nem o "sacerdotalismo", que foram responsáveis pelo desenvolvimento de uma casta privilegiada, comparada ao sacerdócio judaico e que formou corpo da Igreja Católica.

[26] PEREIRA, 1979, P. 15-16.

Durante a Idade Média o autor aponta os enganos de se acreditar que a Igreja Católica estava no comando, corrigindo que ela apenas aliou-se aos reis, o que lhe permitia tal acesso ao poder. Ele discute que a Igreja rica, imponente e ameaçadora está por trás de escândalos e corrupções e que o verdadeiro Cristianismo ficou escondido, representado por pequenos e humildes grupos empurrados para fora do aparato eclesiástico.

Após chegar ao seu estado mais deplorável, ela foi chamada de volta à sobriedade em várias tentativas de reforma, a mais importante delas proclamada por Lutero, que propunha a seu modo um retorno aos padrões do Cristianismo dos primeiros séculos. Outro a defender essa mesma perspectiva foi Ulrico Zuinglio, que diferentemente de Lutero, conseguiu o apoio do Conselho da Cidade de Zurique, ressignificando as práticas mantidas até aquele momento, aderindo ao batismo infantil e não aceitando que as atividades religiosas pudessem ser feitas apenas por pessoas regeneradas e que somente elas poderiam ser membros da Igreja.

Ao tratar dos batistas ingleses, José dos Reis Pereira nos apresenta dois grupos que refletem doutrinas diferentes: o primeiro pertence ao anglicanismo do século XVII, durante o reinado de Jaime I – os chamados de Puritanos. Eles aceitavam os princípios anglicanos. O outro grupo era numeroso e se designava como Separatista: “eram evangélicos na doutrina, mas repudiavam o anglicanismo”[27]. Dos separatistas vieram os anabatistas, que haviam desaparecido no século anterior devido às perseguições e de cujos remanescentes surgiram os batistas ingleses.

Como o reinado de Jaime I e de seus descendentes foi caracterizado por um longo período de repressão político-religiosa, esse grupo que já recebia a designação de Batistas Particulares, evitando o martírio, enveredou por duas rotas de fuga: a Holanda e as trezes colônias. Na América do Norte, desembarcaram na região litorânea de Massachusetts em grupos chamados de “pais peregrinos”, estabelecendo lá a Nova Inglaterra e dando nascimento a cidades conhecidas, como Boston e Salem. Ambientados que estavam nas disputas da época, implantaram também ali um clima de intolerância, prescrevendo que só adentraria na Colônia os que jurassem seguir a sua

[27] PEREIRA, 1979, P. 72.

doutrina religiosa. “A Nova Inglaterra era uma Teocracia”[28]. Apenas em 1689, na Inglaterra, após a publicação de um edito de tolerância, os Batistas puderam manifestar publicamente seus cultos sem receio.

Nos Estados Unidos pós-independência e em uma conjuntura menos tensa entre os diferentes grupos religiosos, os Batistas se expandiram e se renovaram ao longo do século XIX. A “obra missionária” a pujança com que se desenvolveu a Convenção Batista do Sul são episódios narrados em tom laudatório. De acordo com Pereira “apesar de um começo um tanto difícil”, os principais obstáculos foram superados. “O problema da escravidão foi resolvido com Lincoln e a guerra. O Sul, arrasado em consequência [*sic*] da luta, conseguiu recuperar-se. O sofrimento aproximou muita gente de Deus. E medidas diversas concorreram para estimular as igrejas”. Como apêndice ao livro é apresentada a “Uma confissão de fé Batista”, que sumariamente apresenta aos leitores a ortodoxia da Igreja.

4 O apóstolo da Amazônia: a vida de Eurico Alfredo Nelson

Em consonância com seus outros livros, essa é também uma obra de História Eclesiástica, que almeja realçar um ícone missionário, destacado pelo próprio autor como “um exemplo a ser seguido”. *O Apóstolo da Amazônia* é assim intitulado por que apresenta a trajetória do missionário Eurico Alfredo Nelson em sua peregrinação missionária pela Amazônia brasileira. Tendo em vista a trajetória do biografado, o pastor José Reis Pereira reconhece que ficou impressionado com Eurico Alfredo Nelson que considera sua história tão exemplar e importante a ponto de investir na sua publicização, com a finalidade de “influenciar a Mocidade Batista para a tarefa missionária na Pátria Brasileira” [29].

Em uma perspectiva bastante descritiva começa narrando o nascimento do menino na Suécia, em uma família luterana simples – de pais trabalhadores, que ocasionalmente, mais tarde, encontrou-se com os ensinamentos Batistas por conta de seus professores.

[28] PEREIRA, 1979, P. 79.
[29] PEREIRA, 1945, P. 07.

Segundo Pereira, o pai de Eurico converteu-se “a tal seita” na calada da noite, iniciando depois a família na nova doutrina. A primeira ação no seio Batista se deu pela organização de uma Escola Dominical em sua própria residência, o que demonstrava o empenho de André Nelson como diácono, uma vez que ele faz de seu próprio lar um ambiente de culto, promovendo encontros, ensinamentos e pregações. Nesse período, a intolerância religiosa era muito forte e houve a necessidade da retirada da família para os Estados Unidos, considerada uma terra onde havia liberdade religiosa.

Deixando a sua pátria (a Suécia) em abril de 1869, a família fez várias escalas de navio até aportar em Nova York. Durante a viagem surgem temas como o contato com outras doutrinas, narradas algumas vezes pela experiência do garoto, outras vezes pelas percepções do autor, José dos Reis Pereira. Isso se pode ver quando se discute sobre os católicos irlandeses, vistos como gente que adorava dançar e fazer algazarras, em uma terra que a “ineficiência católica” ordenava a vida.

Com o espírito missionário, a família Nelson chega às terras livres da América e segue para o estado de Kansas, primeiramente com o intuito de cultivar a terra e fixar-se no local, algo comum para imigrantes. Eurico, sempre ao lado dos pais, ajudou tomando conta do gado até aos 14 anos de idade, o que lhe empatava bastante nos estudos e o deixava, conforme as palavras do autor, “em uma luta titânica com o preparo escolar”.

Mas os registros compulsados garantem que ele era um garoto dotado de inteligência, o que facilitaria a sua jornada e supriria a falta de instrução. No sertão americano o seu pai deu início à primeira igreja da família, que Eurico frequentaria pela vontade paterna. Segundo José dos Reis Pereira, durante o ano de 1877 a igreja passou um processo de avivamento detonado por uma situação que agitou a pequena congregação recém-criada: “Um pregador adventista havia entrado feito lobo no meio do rebanho e o próprio pastor da igreja se deixou levar no erro” [30]. De imediato o pastor foi excluído por aderir aos ideais opostos aos que lhe permitia à doutrina, assumindo André Nelson a posição do antigo pastor, efetuando trabalhos que renderiam a partir daí em bons frutos.

[30] PEREIRA, 1945, P. 16

No mesmo ano, em 10 de abril, ocorreu o batismo de Eurico Nelson por seu próprio pai, momento revelado pelo autor como um "manifesto de viver por ele uma vida nova"[31]. Com o tempo, vieram o amadurecimento e os compromissos dos filhos e a fazenda da família ficou aos cuidados de Eurico, o que o favoreceu como uma preparação para mais tarde sair de casa e aventurar-se pelos Estados Unidos. Demonstrando gosto pelas viagens, Eurico percorre vários estados da América do Norte, fixando-se em um pequeno lugar chamado *Central Park*, trabalhando e fazendo amizades. Vem, em seguida, o desejo de para vir para o Brasil, pois conhecendo Geoger's House, Eurico foi informado de como era esse país e ficou entusiasmado, "imaginado longas cavalgadas" e "criações de gado" na nova terra, pensamentos de um típico vaqueiro, filho de fazendeiros.

Depois de um período longe de casa, a saudade aumentava, e ele vai ao Kansas para passar o natal com os seus pais, reconciliando-se com a igreja e dedicando-se ao trabalho para ressarcir o tempo perdido. Durante esse período, o autor menciona que Eurico recebeu um chamado divino – o que é característico nesse tipo de narrativa – encorajando sua iniciativa de ir para a América do Sul, "Certa manhã, ao acordar, pareceu-lhe que ouvia um homem a lhe falar, dizendo as mesas palavras de Deus a Abraão, Sai de tua terra para a terra que eu te mostrarei".

A iniciativa deixou todos pensativos, mas sua família termina por acatar a sua decisão, deixando-o ir em busca de seus objetivos. Uma nova jornada começava, então, para chegar ao Norte do Brasil. Ele percorre de novo o território americano até Nova York, de onde pega um navio que vai fundear no porto Belém em plena festa de Nossa Senhora de Nazaré. Eurico inicialmente julga (com algum espanto) a manifestação:

> Era esta, como é ainda, a festa católica por excelência [...]. Desenfreava, de quando em quando, em vasta pagodeira carnavalesca. Numa grande sala estavam expostos braços, pernas e pés de cera, vendidos a bom preço pelos solerdes exploradores da crendice popular Esses pedaços de cera eram as provas dos "milagres" operados pela "santa" festejada e constituíam o pagamento de promessas feitas a ela[32].

Segundo Pereira, a reação de Eurico Nelson ao presenciar a "idolatria romana" resumia o pensamento rude dos locais, sem que encontrasse bons motivos para apreciá-

[31] PEREIRA, 1945, P. 16.
[32] PEREIRA, 1945, P. 27.

la. Após um curto período na terra desconhecida, logo ele começava, segundo o autor, a prestar assistencial espiritual a marinheiros doentes de febre amarela. Percebendo que sua ação necessitava de mais uma pessoa, ele chama uma amiga que trabalhava no Instituto de Índios, no estado de Kansas, e que se tornaria sua esposa, o que põe em evidencia o propósito das missões Batistas e seu objetivo. Passado mais algum tempo, Nelson tornou-se uma figura reconhecida na cidade. Começou a vender bíblias e a ter desavenças com católicos: "E tão forte o espírito de intolerância do catolicismo que mesmo na alma generosa da mocidade ele vai encontrar abrigo"[33].

Diante de todas as dificuldades, Eurico, casado e pai de Ivo, passa por situações em que era nítida a intolerância religiosa. Ao apartar uma briga, foi detido por não portar licença para pregar. Mas, o auxílio veio de todos os locais para se juntar às forças do casal que já estava desanimado com seu trabalho. Percebem então que a atividade missionaria era árdua e indagavam-se os motivos de ainda não terem conquistado fiéis. Em 1896, Bagby e J. J. Taylor enviam uma proposta – não aceita – a Eurico, para trabalhar em Minas Gerais. Bagby convida então Salomão Ginsburg para ir a Belém ajudar na organização da Igreja que passou a progredir: "a igreja foi assim organizada com os cinco recém-batizados, o casal Nelson e a família Rocha"[34].

O grande rio Amazonas chama a atenção de Nelson e propostas não faltam para encorajá-lo. Emilio Olson, representante da *Christian Alliance* viu que Eurico não participava de nenhuma junta e que se associar seria vantajoso. Chamou-o então para vir ao Amazonas e logo a família Nelson seguiu rumo a Manaus, com apenas poucos dólares, mas conhecendo pessoas que influenciaram para sua permanência no local. O autor coloca acento na figura do coronel Manuel Cavalcante de Araújo – um grande cooperador, reconhecido na cidade – que, com toda hospitalidade, o aceitou em sua casa, dando total liberdade para suas realizações protestantes. Quando já tinha sido batizado, junto com sua esposa,

> O Coronel Araújo deixou seu negócio no interior do Estado e seguiu para a capital a fim de acompanhar melhor a educação dos filhos [...] Logo o Coronel começou

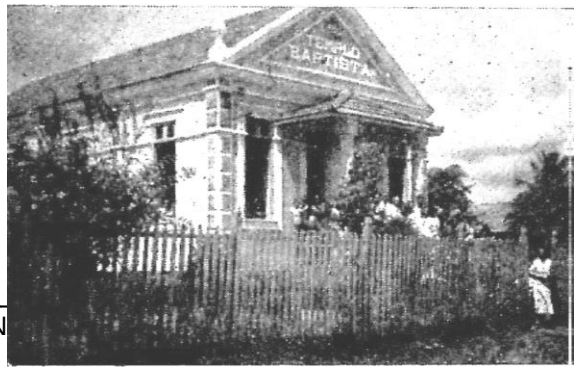
[33] PEREIRA, 1945, P. 33.
[34] PEREIRA, 1945, P. 39.

> a desempenhar altas funções administrativas chegando a ser vice-presidente do Estado, Secretário da Fazenda e prefeito da cidade "[35].

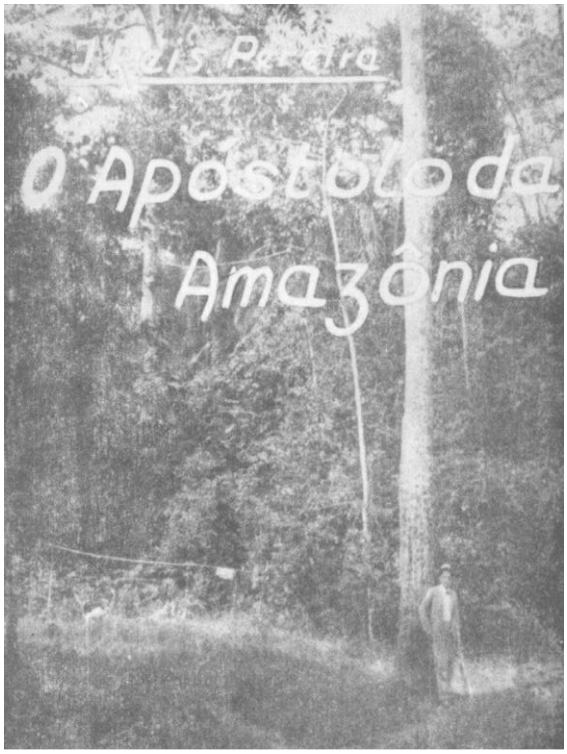
Posteriormente a uma temporada em Manaus, a família volta à Belém tendo como surpresa um documento emitido pela *Christian Missionary Alliance*, dizendo que eles não deveriam iniciar trabalho onde já houvesse a presença de outra denominação. Isso foi considerado uma exigência absurda por Eurico, que se julgava livre para pregar o Evangelho em qualquer lugar. Relembrando o caso, escreveu em suas notas autobiográficas "Os Batistas só podem trabalhar quando obedecem a Deus em tudo" [36]

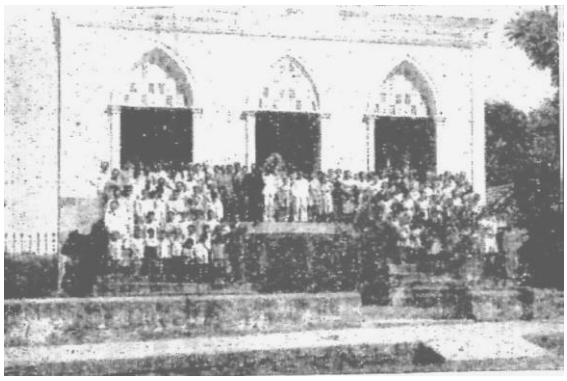
Os subsídios chegavam a Belém, da junta de Richmond. Com cinquenta mil reis que Salomão Ginsburg iria obter juntamente com um obreiro chamado Almeida Sobrinho, Eurico se sentiu ainda mais motivado para ir atrás dos sonhos, seguindo primeiramente para Santarém, trabalhando com o objetivo de comprar um barco para ajudar em sua missão. Em sua segunda passagem por Manaus, todos receberam Nelson com felicidade. O mais entusiasmado era o Coronel Araújo, que lhe presenteou com roupas e cooperou para sua visita aos Estados Unidos, para rever a família.

O retorno ao Brasil foi estimulante. Em 1900, Eurico organiza a Primeira Igreja sendo ele eleito o pastor e o Coronel Araújo como diácono, o que facilitou a missão por conta de posição social deste último. As dificuldades sempre estiveram presentes, mas as conversões e testemunhos de fé aumentavam. Nelson então escrevia: "o povo amazonense em geral, é tolerante, inteligente e ordeiro" [37].



[35] PEREIRA, 1945, P. 44.
[36] PEREIRA, 1945, P. 45.
[37] PEREIRA, 1945, P. 48.





Respectivamente: Obra O Apóstolo da Amazônia, 1945, e as reproduções que constam no livro dos templos da Igreja Batista em Santarém (PA) e em Manaus (AM).

Focando em popularizar seu trabalho, “o apóstolo da Amazônia” começa a publicar circulares, explicando sua razão por meio de frases curtas e diretas. Na circular 2 apresentava seu agradecimento pela evolução da Igreja, que crescia. Como o templo necessitava de reparos, Eurico fez nova viajem ao Pará, onde a Primeira Igreja também necessitava de cuidados. Em sua ausência, sua esposa Ida tomava seu lugar, ensinando nas escolas dominicais e aconselhando os diáconos. José Pereira dedica o décimo capítulo do livro a ela, como “a companheira ajudadora”, fazendo uma observação sobre sua importância ao lado de Eurico Nelson nos anos em que permaneceu em solo brasileiro até seu longo período de afastamento da missão por problemas de saúde.

> Por dezoito anos, de 1910 a 1928. Nelson trabalhou sem a sua ajuda. Mais tarde, escrevendo um artigo para *O Jornal Batista*, depois de ter dedicado algumas palavras carinhosas à coragem da mulher, Nelson confessa, revendo o trabalho feito naqueles dezoito anos: se ela pudesse ter estado com ele (o autor escreve na 3ª pessoa) este tempo, auxiliando-o, muito mais poderia ter conseguido[38].

[38] PEREIRA, 1945, p. 65.

O autor destaca, por fim, a agilidade e o papel desempenhado por Eurico Nelson nas missões pela Amazônia. Em suas viagens para Iquitos, no Perú, onde reencontrou Dr. H. C. Tucker, da Sociedade Bíblica Americana, lhe foi proposto vender caixas de bíblias com todas as despesas pagas. O resultado foi surpreendente, esgotando logo o estoque. Tudo isso fruto de cansativas viagens pelo Norte e Nordeste em barcos a vapor, canoas ou em motores adaptados.

Com 76 anos, a iniciativa da Junta de Richmond aposenta Eurico e o manda para os Estados Unidos, compreendendo que estava no momento de o "velho obreiro" dedicar-se à família, o que não iria durar muito tempo, pois em função das leis de imigração Eurico é impedido de permanecer na América do norte. De volta a Amazônia ele – "pai espiritual" de uma geração – continua sua militância na igreja até falecer, em 1939, em Manaus. "Foi", conclui Pereira, "mas suas obras ficaram. O enorme campo em que agiu aí está a desafiar a coragem de mais obreiros".

Considerações Finais

Em nossa pequena incursão pelo campo do que chamamos de "escritas batistas", pudemos verificar que há um vasto campo de investigação ainda a ser explorado: o que pensavam os pioneiros das missões? Por quais mecanismos buscar (re)contruir suas identidades religiosas na nova terra – o Brasil? Que funções tinham a palavra escrita e impressa em sua propaganda da nova fé? Essas são perguntas ainda difíceis de responder, pois no âmbito católico muito se têm estudado sobre a perspectiva dos memorialistas, mas o mesmo não ocorre em meio aos protestantes.

Mesmo a obra de José Pereira dos Reis merecia uma abordagem em maior profundidade, que contemplasse um maior volume dos seus escritos, o que, infelizmente, não pudemos fazer no curto espaço de tempo destinado à pesquisa e por limitação de acesso à essas obras publicadas há mais de três ou quatro décadas. O que procuramos evidenciar é que Reis nunca se limitou ao púlpito ou ao ambiente do templo. Concebendo o Brasil, como país de missão, atuou em muitas frentes para converter fiéis e formá-los nas convenções de fé batistas. As duas obras que analisamos – e que são obras de história (história de uma igreja e história de um homem) parecem ter dado sua contribuição nesse sentido.

Referências

ALMEIDA, Fábio Py Murta de. **Lauro Bretone**: Um protestante heterodoxo no Brasil de 1948 a 1956. Tese (doutorado em Teologia). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2016.

BIANCHEZZI, Clarice; SILVEIRA, Diego Omar. **Demografia, cartografia e história das religiões em Parintins**: novas possibilidades para o estudo da diversidade religiosa na Amazônia. In: BIANCHEZZI, Clarice; SILVEIRA, Diego Omar (et. al.) (org.). Pensar, fazer, ensinar: desafios para o ofício do historiador no Amazonas. Manaus: Valer: UEA Edições, 2015a. pp. 183-204.

BUARQUE, Virgínia Albuquerque de Castro. Autobiografias eclesiásticas: para além da representação de si. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá: GTRR-ANPUH: UEM, Ano III, n. 9, janeiro 2011. pp. 03-20.

CAVALCANTI, H. B. O projeto missionário protestante no Brasil no Brasil do século XIX: comparando a experiência Presbiteriana e Batista. In: REVER – **Revista de Estudos da Religião**. São Paulo: PUC-SP, n 4. 2001. pp. 61-93.

RODRIGUES, Elisa. Os Batistas no Brasil: mitos de origem, ênfases teológicas e novas tendências". In: DIAS, Mota Zwinglio; PORTELA. Rodrigo; RODRIGUES. Elisa (org.). **Protestantes, Evangélicos e (Neo) Pentecostais**: História, Teologia, Igreja e Perspectiva. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. pp. 149-166.

LEONEL, João. **História da leitura e protestantismo brasileiro**. São Paulo: Paulinas: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2010.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Cristianismos Amazônicos e liberdade religiosa: uma abordagem histórico-antropológica. In: Antropolítica. **Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política**. Niterói: UFF, n. 9, 2º semestre de 2000. pp. 77-100.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. "República e pluralidade religiosa no Brasil". In: **Revista USP**. São Paulo: USP, n. 59, setembro/novembro de 2003. pp. 144-163.

_____. "O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas". In: **Revista USP**. São Paulo: USP, n. 67, setembro-novembro de 2005. pp. 48-67.

_____. **O celeste provir: a inserção do protestantismo no Brasil**. 3º ed. São Paulo: USP, 2008.

PANTOJA, Vanda. Pentecostais e católicos na Amazônia Marajoara – notas de campo. In: **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, n. 30, julho-dezembro de 2011. pp. 115-124.

PEREIRA, José dos Reis. **O Apóstolo da Amazônia**: Eurico Alfredo Nelson. Rio de Janeiro: s/ed., 1945.

_____. **Breve História dos Batistas**. Edição da Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira. 2º ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1979.

SILVA, Ademar Alves. Os Batistas no contexto do protestantismo brasileiro. In: História em reflexão. **Revista Eletrônica de História**. Dourados: UFGD, vol. 5, n. 9, janeiro-junho de 2011. pp. 1-22.

SILVA FILHO, Luiz Carlos Souza; SILVEIRA, Diego Omar. **A construção do pluralismo no Campo religioso do município de Parintins, no Amazonas**. Relatório final de Iniciação Cientifica (PAIC/FAPEAM). Parintins: UEA, 2015.

SILVEIRA, Diego Omar; BIANCHEZZI, Clarice; GLÓRIA, Cristian Sicsú. Diversificação metodológica nos Estudos da Religião no Amazonas: um inventário de possibilidades. In: SILVA, Rosângela Siqueira da; SILVEIRA, Diego Omar (org.). **Interfaces contemporâneas entre religião e educação na Amazônia**. Rio de Janeiro: Autografia, 2018. p. 131-160.